

José António Bandeirinha

Pedagogia do Projecto



“The architect as well as the teacher are practicing an art: an art of doing.”

Jean-François Mabardi, “Teaching Architecture – Texts and Tradition”: AA, VV. *Writings in Architectural Education*, Copenhagen, EAAE/AEEA, p. 21.

Abertura, prudência, compreensão, permissividade por vezes, dúvida, vontade, intransigência

(Siza, 1993, 69)

Quadro Científico-pedagógico das Disciplinas de Projecto

O texto que ora vos apresento incide sobre um conjunto de disciplinas de frequência anual do Curso de Mestrado Integrado em Arquitectura do Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra – as disciplinas de Projecto.

A disciplina de *Projecto I* funcionou pela primeira vez no ano lectivo de 1989-1990, ministrada sob a orientação do Professor Alexandre Alves Costa. Era, na altura, uma disciplina do 2º. Ano do Curso, uma vez que que a disciplina que introduzia a propedêutica laboratorial do Projecto no âmbito pedagógico do 1º. Ano se intitulava então *Introdução à Arquitectura*. Esse primeiro ano constituiu, de certo modo, um momento fundador, que cunhou indelevelmente no devir desta escola uma perspectiva determinada da aprendizagem da Arquitectura.

A partir daí, porém, e desde o primeiro momento, foi preocupação das direcções do Curso convidar professores de Projecto que pudessem contribuir, com os seus saberes disciplinares e metodológicos para a geração de um carácter próprio. Sem querer menosprezar, de nenhuma forma, todos ou qualquer um dos chamados “professores de carreira” que, tal como eu, têm vindo a ministrar em continuidade as disciplinas de Projecto, gostaria aqui de enunciar, homenageando-os, os professores que, ao longo dos anos, foram sendo convidados, e ajudaram, com o seu magistério, a consolidar a nossa identidade.

Fernando Távora
Alexandre Alves Costa
Domingos Tavares
Raul Hestnes Ferreira
Gonçalo Byrne
Manuel Taíinha

Manuel Graça Dias
Vítor Figueiredo
José Gigante
Paula Santos
Carlos Antunes
Diogo Seixas Lopes

O papel das Disciplinas de Projecto no Plano Curricular do Mestrado Integrado em Arquitectura

En la medida en que avanzan nuestros conocimientos relacionales y, por consiguiente, en la medida en que tanto las historias como las ciencias se entienden como relatos diversos en un verdadero pluralismo epistemológico, parece diluirse la idea de que la arquitectura necesite, para su propia identidad, paradigmas incuestionables que la garanticen de forma permanente

(Solà-Morales, 2003, p. 264)

Do ensino magistral ao suporte tratadístico, da taxonomia positivista à *beauté* oitocentista, do *handwerk* bauhausiano às reformas pedagógicas

dos anos sessenta, os sistemas de formação em Arquitectura têm tido como suporte fundamental uma relativa constância do conteúdo semântico do termo Arquitecto (Cf. Mabardi, 2002). Com efeito, ao resultado final dessa formação corresponde um perfil profissional tautologicamente estabilizado por séculos de lentas e firmes adaptações metodológicas aos sucessivos contextos sociais, culturais, físicos e tecnológicos² (Cf. Lefavre; Tzonis, 2004, pp. 3-4).

Longe de se impor como risco de estagnação e de acomodação excessiva, essa estabilização tem, por um lado, contribuído para a criação de uma centralidade disciplinar que, quer sob o ponto de vista ontológico, quer sob o epistemológico, se tem vindo a assumir como plataforma de entendimento e de discussão com outras áreas do saber, enriquecendo e diversificando, de sobremaneira, o seu próprio corpus teórico. Por outro lado, tem permitido consignar a prática formativa, aquilo a que poderíamos também chamar a tradição de aprendizagem, como instrumento fundamental de consolidação da já referida centralidade. Como?

Em vez de considerar a prática do projecto na formação como um desígnio instrumental obsoleto, em desuso, a abater, desconfiando obsessivamente das suas potencialidades pedagógicas e, pior ainda, das suas “certificações” científicas, colocamo-la num patamar central de estabilidade que possa permitir a sua permanente evolução periférica, que potencie a progressiva adaptação às condições reais do exercício profissional.

Pelo que diz respeito à obtenção de determinados objectivos pedagógicos, a prática instrumental na formação em Arquitectura pode, em função da sua relação com a realidade física, social e material do mundo que a envolve, situar-se num de três patamares distintos:

- simulação directa, quando procura evidentes relações de aproximação ao real, quando pode chegar a parecer uma encomenda profissional;
- emulação crítica, quando, do confronto com o real são escolhidas as condições mais favoráveis aos objectivos do exercício;
- abstracção conceptual, quando as condições físicas, sociais e/ou materiais do contexto são inventadas ou alteradas em função daquilo que se pretende.

Assim, os diversos tipos de exercício a executar durante as aulas laboratoriais de Projecto aproximam-se mais de cada um destes patamares na medida em que pretendam oferecer aos alunos, como meta pedagógica, respectivamente, maior capacidade cognitiva no plano socio-profissional, mais especificidade instrumental no plano metodológico ou maior dinâmica relacional e conceptual, no plano cultural.

Obviamente que nem estes tipos, nem os objectivos que lhes andam associados são estanques ou estáticos. Antes assentam em formulações elásticas, quer sob o ponto de vista absoluto, quer nas relações que